



A TEOLOGIA DE
JONATHAN EDWARDS

Michael J. McClymond
Gerald R. McDermott

Com o interesse em Jonathan Edwards atingindo um nível sem precedentes em todo o mundo, *A teologia de Jonathan Edwards* apresenta um resumo realmente útil e incomparável de sua época, seu pensamento e sua influência. Edwards é uma das figuras religiosas mais abordadas do século dezoito e, com tanta literatura disponível para ser consultada, esse livro proporciona o melhor ponto de partida para os escritos e ideias de Edwards, tanto para o especialista quanto para o leitor em geral.

Kenneth P. Minkema, editor executivo e diretor das Obras de Jonathan Edwards, da Yale University. Editou a obra *Jonathan Edwards, uma antologia* (Vida Nova).

Abrangente, erudito e acessível — sem dúvida, o melhor ponto de partida para qualquer um que deseje entender as ideias do maior teólogo dos Estados Unidos.

Alister E. McGrath, professor de teologia, ministério e educação no King's College, em Londres. Autor de *A gênese da doutrina* e *Teologia natural* (Vida Nova).

Uma obra realmente impressionante. É extraordinário encontrar um guia tão abrangente e profundo sobre toda a teologia de Edwards em um só lugar e em um livro cuja leitura é tão agradável.

George Marsden, autor de *Jonathan Edwards: a life*.



Sumário



<i>Agradecimentos</i>	9
Abreviações de fontes frequentemente citadas	11

PRIMEIRA PARTE: Introdução: Contextos histórico, cultural e social

1. Abertura de uma sinfonia	15
2. Edwards: uma vida teológica	35
3. O contexto intelectual de Edwards	52
4. A espiritualidade de Edwards	70
5. A questão do desenvolvimento: Edwards mudou?.....	86

SEGUNDA PARTE: Tópicos na teologia de Edwards

SEÇÃO 1: Métodos e estratégias

6. Beleza e estética	103
7. Metafísica	111
8. Tipologia: Escrituras, natureza e toda a realidade.....	124
9. Revelação: Escrituras, razão e tradição	137
10. Apologética.....	154
11. Exegese bíblica.....	171
12. O conceito de uma história da redenção	184

SEÇÃO 2: O Deus triúno, os anjos e o céu

13. Deus como Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo.....	195
14. O fim de Deus na Criação	208
15. Providência e história.....	224
16. A pessoa e a obra de Jesus Cristo.....	242
17. O Espírito Santo.....	258

18. Os anjos no plano de salvação.....	269
19. O céu é um mundo de amor	289

SEÇÃO 3: Antropologia teológica e graça divina

20. As afeições e a pessoa humana.....	305
21. O calvinismo de Edwards e a teologia das alianças.....	315
22. Livre-arbítrio e pecado original	331
23. Salvação, graça e fé: um panorama.....	348
24. Conversão: uma luz divina e sobrenatural.....	363
25. Justificação e santificação	378
26. O tema da divinização	398
27. Teologia do avivamento.....	411

SEÇÃO 4: Igreja, ética, escatologia e sociedade

28. A igreja	437
29. Edwards sobre o ministério (e no ministério).....	450
30. Os sacramentos: batismo e ceia do Senhor	466
31. A voz do grande Deus: uma teologia da pregação	477
32. Teologia pública, sociedade e os Estados Unidos	496
33. Verdadeira virtude, amor cristão e teoria ética.....	511
34. Edwards sobre missão e seu envolvimento nela	531
35. Escatologia	547
36. O cristianismo e outras religiões.....	560

TERCEIRA PARTE: : Legados e afinidades: discípulos e intérpretes de Edwards

37. Leituras selecionadas: Edwards e a Nova Teologia.....	581
38. Reações mistas: o Princeton Seminary, o Andover Seminary e a cultura americana do século 19.....	604
39. Recomeços: A reabilitação de Jonathan Edwards no século 20	616
40. Interpretações I: Edwards e a filosofia moderna	627
41. Interpretações II: Edwards e a tradição reformada.....	640
42. Interpretações III: Edwards e a tradição do avivamento.....	651
43. Interpretações IV: Edwards e as tradições católica e ortodoxa.....	670
44. Interpretações V: Edwards e a teologia contemporânea	683
45. Conclusão: Edwards como uma ponte teológica	692

<i>Índice remissivo</i>	703
-------------------------------	-----



Agradecimentos



Gostariamos de expressar aqui nosso apreço e gratidão a vários estudiosos, em especial Kenneth Minkema, da Universidade de Yale, e Douglas Sweeney, da Trinity Evangelical Divinity School. Ken é editor executivo de *The Works of Jonathan Edwards* [As obras de Jonathan Edwards] e diretor executivo do Jonathan Edwards Center. Além disso, ele é uma enciclopédia viva de tudo que diz respeito a Edwards e ajudou incansavelmente em todas as etapas da redação desse livro, comentando cada um dos quarenta e cinco capítulos que aparecem aqui — e mais um que, ao final, julgamos melhor omitir. Nosso segundo maior leitor e comentarista foi Doug, outro profundo conhecedor de Edwards, autor de muitos livros e artigos, e diretor de um centro de estudos de Edwards recém-fundado na instituição em que atua. Assim como Ken, Doug fez comentários sobre capítulos numerosos demais para citar separadamente.

Somos gratos também a muitos outros especialistas em Edwards que fizeram sugestões sobre vários capítulos: David Bebbington, Robert Caldwell, Ava Chamberlain, Conrad Cherry, Joseph Conforti, Oliver Crisp, Stephen Crocco, William Danaher, Allen Guelzo, Philip Gura, W. Ross Hastings, E. Brooks Holifield, Wilson Kimnach, David Kling, Sang Lee, M. X. Lesser, George Marsden, Adriaan C. Neele, Mark Noll, Amy Plantinga Pauw, Stuart Piggin, Rick Pointer, Phil Sinitiere, F. Allan Story, Jr., Kyle Strobel, Steven Studebaker, Peter Thuesen, Miklos Vetö, Helen Westra, Rachel Wheeler e Avihu Zakai. Andrew Russell — estudante de doutorado na Universidade de Saint Louis — trabalhou arduamente na organização de uma extensa bibliografia de fontes primárias e secundárias sobre Edwards. Ele assumiu a tarefa hercúlea de obter cópias impressas, fotocópias ou cópias digitalizadas de uma quantidade enorme de material, além de trabalhar no índice. Zachary Kostopoulos também ajudou a elaborar o índice. Participantes do seminário de Ph.D de Michael — Elissa McCormack, Scott McDermott (sem relação com Gerald), Robert Rexroat, Luke Ritter, Andrew Russell e Benjamin Wayman — leram e comentaram todo o manuscrito. Queremos agradecer à biblioteca Forbes Library, em Northampton, Massachusetts, pela permissão de uso de imagens que aparecem nas páginas desse livro, e a seus simpáticos funcionários, especialmente Julie Bartlett e Elise Bernier-Feeley.

Gerald gostaria de agradecer merecidamente a alguém especial — sua esposa, Jean, cujo amor e apoio foram valiosíssimos nesses meses de pesquisa e redação. Ele agradece também a outros estudiosos cujas sugestões fizeram desse livro uma obra melhor — Robert Benne, Paul Hinlicky e os pastores do Edwards Reading Group, em Salem, na Virginia. Dean Richard Smith e o dr. Edward Hamilton foram gentis e compreensivos, de modo que consegui completar meu ano sabático com êxito. Judy Pinckney deu um apoio administrativo tremendo em muitas etapas desse projeto, assim como Jeffrey Martin e Rebecca Heller, da Fintel Library, no Roanoke College. O olhar atento de Wendy Andree na revisão e preparação do índice foi muito importante. O zelo de T. D. Bozeman pela precisão e elegância foi um modelo precoce, jamais igualado. Gerald gostaria de agradecer especialmente pelo apoio financeiro e intelectual que Byron Johnson e o Baylor Institute for Studies of Religion deram a esse projeto. Michael agradece a seus amigos na região de St. Louis e em lugares mais distantes por seu interesse, apoio e orações enquanto estava escrevendo com Gerald. Ele agradece a seus colegas do Department of Theological Studies da Universidade de Saint Louis pela paciência de ouvi-lo falar de suas ideias ainda mal elaboradas em corredores, elevadores e outros lugares inesperados. Ele também agradece a Kathryn, por presentear-lo no Natal com a edição em dois volumes das *Works* [Obras], em letra miúda; David Kelsey, em Yale, o primeiro a despertar seu interesse por Edwards; Thomas Schafer, por lhe dar acesso a transcrições das *Miscellanies* [Miscelâneas] de Edwards enquanto ele lecionava na Califórnia; Wilson Kinnach e Harry Stout, por sua hospitalidade em visitas a Yale; W. Clark Gilpin, que orientou sua tese de doutorado na Universidade de Chicago; e Mark Noll, que lhe perguntou, há cerca de vinte anos — e novamente, há quatro anos —, se ele estava continuando suas pesquisas sobre Edwards. Ambos agradecemos a George Marsden pela inspiração que nos deu e a muitos outros estudiosos da vida, dos escritos e do pensamento de Edwards.

Os autores são responsáveis por todos os erros de fatos ou de interpretação que nosso livro possa conter, e incentivamos todos os esforços amigáveis no sentido de corrigi-los. Esperamos que o livro sirva de ponto de partida para muitas novas linhas de pesquisa e investigação.



Abreviações de fontes frequentemente citadas



Tomás de Aquino, *Summa theologiae* = Thomas Aquinas, Saint [Tomás de Aquino, São]. *Summa Theologica* (Westminster: Christian Classics, 1981 [1947], 5 vols. [publicado em português por Ecclesiae sob o título *Suma teológica*, tradução de Alexandre Correia; Dom Odilão Moura (Campinas: Ecclesiae, 2018)]. Essa obra é citada por números correspondentes a parte, pergunta e artigo.

va = Versão autorizada, ou versão King James da Bíblia (KJV). Todas as citações bíblicas foram extraídas dessa versão, a menos que especificado de outra forma.

bw = Edwards, Jonathan. *The salvation of souls: nine previously unpublished sermons on the call of ministry and the Gospel by Jonathan Edwards*. Richard A. Bailey; Gregory A. Wills, orgs. (Wheaton: Crossway Books, 2002).

Calvino, *Institutas* = Calvin, Jean. *Institutes of the Christian religion*. Edição de John T. McNeil; tradução para o inglês de Ford Lewis Battles. The Library of Christian Classics, 20-21 (Philadelphia: Westminster, 1960), 2 vols. [publicado em português por Cultura Cristã sob o título *As institutas*, tradução de Waldyr Carvalho Luz, 2006, 4 vols. e por Unesp sob o título *A instituição da religião cristã*, tradução de Carlos Eduardo Oliveira; José Carlos Estêvão, 2008]. Essa obra é citada por números correspondentes a livro, capítulo e seção.

wh = Edwards, Jonathan. *The works of president Edwards*, Edward Hickman, org., com uma biografia de Sereno E. Dwight (Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1984 [1834]), 2 vols.

wje = Edwards, Jonathan. *The works of Jonathan Edwards* (New Haven: Yale University Press, 1957-2008), 26 vols.

wjeo = Edwards, Jonathan. *The works of Jonathan Edwards online*. A edição online das obras de Edwards está disponível em: <http://edwards.yale.edu>. Ela é mantida pelo Jonathan Edwards Center na Yale University, e seu acesso é gratuito. Ela oferece acesso não só aos 26 volumes da edição impressa de *The works of Jonathan Edwards*, com a “Introdução do editor” de cada volume, como a outros 47 volumes de material online. Todas as referências aos volumes 27-73 são citadas aqui como wjeo.



PRIMEIRA PARTE

Introdução: Contextos histórico, cultural e social





1

Abertura de uma sinfonia



Vamos começar com uma parábola musical. Imagine que você tenha a oportunidade de ir ao teatro para assistir a um concerto da orquestra sinfônica de sua cidade. Pela generosidade de um amigo — ligado à orquestra — você consegue ingressos gratuitos para o concerto e convida vários amigos para irem com você. A caminho do concerto, você examina melhor os ingressos e descobre que os assentos não estão juntos. Na verdade, estão espalhados pelo teatro, um na frente, à esquerda, outro na frente, à direita, um no canto, atrás e dois outros no primeiro e no segundo balcão. Ao chegar à sala de espetáculos, pouco antes do concerto, você e seus amigos se separam e vão para seus respectivos assentos, combinando de se encontrarem do lado de fora quando o espetáculo terminar.

A música é tudo que você tinha imaginado. Há solistas convidados da Europa e de Nova York. O maestro regeu de forma brilhante. Os instrumentistas tocaram com maestria e paixão. Um único violino abre o espetáculo, enchendo o ar com um ritmo melodioso, embora solitário. Em seguida a esse violino junta-se um segundo, depois um violoncelo, uma viola e a seção de cordas inteira se envolve no tema de abertura. Começando como se viesse de muito longe, a seção da percussão entrou lentamente, seguida dos metais e madeiras. Ao término do primeiro movimento, quando as primeiras notas do segundo movimento começam a ser ouvidas, você percebe que a melodia mudou. Não são mais as cordas que dominam, e sim as madeiras. O centro de gravidade do palco moveu-se da esquerda para a direita. Oboés e clarinetes — às vezes juntos, às vezes separados — pegam e gradualmente desenvolvem um novo tema. Violinos, violas, violoncelos e contrabaixos seguiram-se às madeiras. Os metais se inseriram, pontuando a atmosfera e relegando as madeiras, ainda que por pouco tempo, ao segundo plano musical. Ouvindo atentamente, você nota que alguns violinos nunca pararam de tocar o tema original do primeiro movimento. O compositor coordenou e harmonizou os dois temas para tocarem simultaneamente. À medida que as madeiras desenvolvem seu tema, os violinos continuam

o deles. O tema das madeiras volta a aparecer durante o terceiro movimento, e os violinos mais uma vez vêm para o primeiro plano.¹

Quando você e seus amigos se encontram após o espetáculo, começa o debate: “Qual foi sua parte favorita?”. “Aquela seção de percussão foi maravilhosa”. “Sim, eu prestei atenção à pessoa que tocava o tímpano durante todo o espetáculo”. “Sério?”, diz seu outro amigo, meio surpreso. “Mas você não gostou da parte dos violinos?”. “Sim, gostei, mas achei que a percussão dominou o espetáculo”. Silêncio. Os outros obviamente discordam. Após uma pequena pausa, um deles diz: “Bem, a abertura do primeiro movimento foi boa, mas o segundo movimento foi muito melhor”. Segue-se outro momento de silêncio.

Enquanto você e seus amigos comparam suas impressões sobre o concerto, você percebe que o local em que cada um estava sentado no teatro parece ter afetado sua percepção da sinfonia. O que se concentrou na seção de percussão estava sentado no segundo balcão, em que, aparentemente, a acústica da sala de concerto levou o som dos instrumentos de percussão a ser mais audível. A pessoa que gostou mais das madeiras no segundo movimento também estava sentada na frente, à direita — bem perto da seção das madeiras. O amigo sentado na frente, à esquerda — perto das cordas — teve uma impressão totalmente diferente do fluxo e da estrutura da composição. Ao chegar em casa, depois de terminada a conversa, você percebe que um espetáculo musical pode ser ouvido de múltiplas maneiras. Não menos importante, você se sente feliz por ter ficado com um ingresso que o colocou na frente e no centro da sala de concertos, porque, assim, pôde ouvir bem todos os instrumentos e apreciar de maneira mais adequada sua interação complexa durante a sinfonia.

Essa parábola pode nos ajudar a entender algo sobre Jonathan Edwards. Sua teologia foi interpretada de muitas maneiras diferentes durante os dois séculos e meio após a sua morte. Um fator que ajuda a explicar essa diversidade de impressões é a imensa quantidade de seus escritos — que abrangem espantosos setenta e três grandes volumes de texto na edição online das *The Works of Jonathan Edwards* [As obras de Jonathan Edwards]. Os estudiosos de hoje estão apenas começando a se defrontar com a *magnitude* do pensamento de Edwards. Os que têm impressões diferentes podem estar simplesmente lendo partes diferentes da coleção de seus escritos.

Para interpretar a teologia de Edwards como um todo, é preciso separar a orquestra imaginária em cinco seções: violinos, as outras cordas (violões, violoncelos e contrabaixos), madeiras, metais e percussão. Para apreciar a música, é necessário prestar atenção a todas as cinco partes que compõem a orquestra. Nossa apresentação das cinco partes pode parecer um pouco abstrata, situada no início deste livro extenso. Os capítulos que se seguem permitirão uma elaboração maior. Contudo,

¹As cordas (violino, viola, violoncelo, contrabaixo, harpa, piano) são a base e a maioria do total de instrumentos que forma uma orquestra. As madeiras (flauta, oboé, clarinete, fagote) são os instrumentos de sopro com embocadura ou corpo em madeira. Os metais (trompete, trompa, trombone, tuba) são instrumentos de sopro de timbre mais forte que as madeiras. (N. do E.)